OS ENDEREÇAMENTOS DA RÁDIO REBELDE ZAPATISTA

GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania

Ismar Capistrano Costa Filho[1]

Resumo

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) se destaca como um movimento que realizou, em 1994, um levante contra o Governo Mexicano com repercussão e mobilização internacional. Após o cessar-fogo, o EZLN dedicou-se a construir a autonomia das comunidades indígenas, compreendida como independência do Estado, autodefinição, autodelimitação e autoconsumo. As rádios destas comunidades, neste processo, possuem endereçamentos para construir imaginários revolucionário, histórico, lúdico, dialógico e autonomista.

Palavras-chaves: rádio, zapatismo, uso social, autonomia e sentidos culturais.

Introdução

O presente artigo apresenta parte da pesquisa de doutorado realizado sobre o Uso Social das Rádios Zapatistas na construção da autonomia política. Neste recorte, serão analisados os endereçamentos de uma das cinco emissoras que estão sendo pesquisadas, a Rádio Rebelde, localizada na região de Los Altos no Estado de Chiapas, México. Pertence às comunidades zapatistas reunidas no

[1] Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, mestre e bacharel em Comunicação Social. E-mail: ismarcapistranofilho@gmail.com.

Caracol Rebeldia e Resistência pela Humanidade em Oventik, uma das unidades administrativas dos Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez).

A organização política surgiu desde o levante do EZLN em 1º de janeiro de 1994 que se insurgiu contra o Exército Federal Mexicano, propondo uma nova ordem social, baseada na justiça e autonomia para campesinos, indígenas e trabalhadores. O movimento destaca-se não só pela resistência e conquistas, mas por ser um dos primeiros a utilizar a nascente rede mundial de computadores para criar uma corrente internacional de solidariedade e apoio. O uso dos meios de comunicação para estabelecer um diálogo com a sociedade civil regional, nacional e internacional passou a ser estratégia e tática fundamentais, seja pelas aparições nos meios de comunicação massivos, seja pela criação de seus meios de comunicação, como produtoras de vídeo, sites e rádios que inicialmente pertenciam ao EZLN e depois nos processo de autonomia civil foram transferidas para as Juntas de Bom Governo que administram os Caracóis.

A construção autonomia, entendida como autodefinição indenitária, autogoverno comunitário e autoconsumo produtivo, é uma das preocupações fundamentais do movimento zapatista que, ao mesmo tempo, ampliou seu diálogo de modo tal que não se resume ao EZLN e às comunidades autônomas, mas vários atores aderentes. A problemática principal deste artigo é questionar quais as contribuições da Rádio Rebelde nesta construção da autonomia zapatista. Quais os endereçamentos que nos possibilitam compreender o sentido de autonomia e diálogo zapatista que podem estar presentes na programação da emissora?

Esta investigação foi realizada através de pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira se deteve a leituras sobre o uso social das mídias, culturas indígenas mexicanas, história chiapaneca, zapatismo e autonomismo. A pesquisa de campo foi realizada em duas imersões a San Cristobal de Las Casas, principal cidade da

região de Los Altos em Chiapas em janeiro de 2011 quando foi realizada uma pesquisa exploratória com entrevistas, escuta da emissora e tentativa de visita ao Caracol Oventik. A segunda imersão ocorreu em julho de 2013 quando foram realizadas entrevistas em profundidade com intelectuais, apoiadores do movimento e participantes de coletivos aderentes. Também foram gravados oito dias da programação da Rádio Rebelde em horários alternados, os quais foram transcritos para análise de conteúdo qualitativa. Foi ainda realizada uma visita ao Caracol em Oventik e às comunidades de San Isidro de La Liberdad em Zinacatan e Sociedad Civil de Las Abejas em Acteal.

Para desenvolver este artigo, foram construídas três partes. A primeira apresenta os pressupostos teóricos da proposta teórico-metodológica de usos sociais da mídia. O diálogo zapatista será abordado na segunda parte, seguido, pela autonomia zapatista na terceira parte. Por fim, será apresentado os endereçamentos radiofônicos da Rádio Rebelde.

Uso social

Analisar a comunicação a partir da proposta de Uso Social de Martín-Barbero exige, ao menos, dois deslocamentos teórico-metodológicos. O primeiro, chamado pelo autor de perder o objeto para encontrar o caminho, requer pensar a comunicação não somente como um processo restrito à emissão e recepção. A circularidade de informações, ideias, valores, ideologias, tradições, representações, memórias, interesses, formatos, lógicas e temporalidades que antecedem e sucedem a produção e audiência midiática compõem indissociavelmente o processo. Fratura-lo pode significar não só uma análise descontextualizada e anacrônica, como também inconsequente.

Assim a proposta de passar dos meios para as mediações reivindica analisar a comunicação como uma prática cultural envolta num ambiente simbólico gestado por interesses e disputas. As mediações comunicacionais das culturas desenvolvem-se nos conflitos, contradições, apropriações, criações e reproduções das representações e da realidade. Há, por vezes, distâncias intransponíveis entre os interesses da produção e os resultados da mesma com suas brechas e fissuras; entre a mensagem veiculada e a apropriação que faz os receptores e entre a recepção e o sentido cultural das mensagens. A comunicação é esse espaço de ambiguidades, determinações e indeterminações.

O segundo deslocamento, chamado por Martín-Barbero (1998) de mediações culturais da comunicação é o movimento das mídias para as culturas. Significa que a forma de relacionar-se com os meios de comunicação impactam na vida social não só pelas influências nas agendas, opiniões, valores e conhecimentos sobre a realidade, mas na gestação de comportamentos e ritualidades adquiridos pelo uso midiático. Não é só a centralidade da mídia na vida pública, mas, com o advento das tecnologias móveis e em rede, nas subjetividades e na forma de organizar e agir no cotidiano que acabam transformando a sociedade.

A proposta do uso social das mídias de Martín-Barbero inevitavelmente dá uma saliência à recepção como um componente imprescindível da comunicação. Não é possível pensar esse processo sem os públicos, os endereçamentos, os contratos de leitura, os universos culturais, os repertórios simbólicos e as práticas sociais dos receptores. Neste momento específico, esta pesquisa aborda a relação entre os endereçamentos da Rádio Rebelde e os sentidos culturais de diálogo e autonomia zapatistas, compreendendo que o contexto social, político, econômico e comunicacional é imprescindível para entender os fluxos de circulação das mensagens da emissora. A produção midiática leva assim em conta, além dos interesses dos emissores, as expectativas, a memória e o cotidiano do receptor

operando “sobre rotinas de produção, habilidades técnicas historicamente definidas, ideologias profissionais, conhecimento institucional, definições e pressupostos, suposições sobre a audiência” (HALL, 2003, p. 389), por isso o estudo de recepção e mediações necessita atentar as “construções simbólicas peculiares com modos distintos de endereçamento da mensagem” (MARQUES; ROCHA *in* JACKS; SOUZA 2006, p. 38), compreendido como a negociação entre os interesses do emissor e as expectativas do receptor, a partir do contexto sociocultural e político-econômico, na produção discursiva.

Dialogo zapatista

O EZLN ganhou repercussão internacional, conforme John Downing (2001), quando em 1994 tomou os municípios de San Cristobal de Las Casas, Osconsingo, Las Margaritas, Altamiro, Chanal, Oxchuc e Huixtán no Estado de Chiapas, sul mexicano, reivindicando terra, trabalho, educação, saúde, moradia, alimentação, liberdade, independência, democracia, justiça e paz. Não só a ação militar que ocupou Prefeituras, Câmaras, delegacias e quartéis das cidades na madrugada do dia 1º de janeiro e declarou guerra contra o Exército Federal Mexicano, mas também a rede de solidariedade nacional e internacional, criada a partir da nascente Internet, pelo fim da guerra e em apoio aos ideais zapatistas tornaram o movimento referência nas lutas pelas transformações sociais do final do século XX, época marcada pelo ceticismo revolucionário depois da decadência das experiências de socialismo real soviéticas.

As mudanças constitucionais de 1992 que permitiam a venda das propriedades agrícolas comunais e a entrada do México no Tratado do Livre Comércio Norte-Americano (Nafta) em 1994 foram os estopins para o levante zapatista, assim como o fim das terras coletivas foi o motivo da revolução liderada por Emiliano Zapata e Pancho Villa em 1917 que inspiraram o movimento chiapaneco. O EZLN

foi formado, de acordo com Arellano (2003) por sobreviventes do movimento estudantil, vítimas do massacre policial na Praça da Praça dos Três Poderes na Cidade do México em 1968, que, como saída revolucionária, tentaram implantar em todos estados do país a Frente de Libertação Nacional (FLN) que sobreviveu somente em Chiapas. As condições hostis da Selva Lacadón (altitude elevada, vegetação densa, frio negativo, alta umidade e falta de alimentos), a miserabilidade da região e o diálogo com as comunidades indígenas do entorno formaram uma barreira protetiva ao movimento que logo criou seu braço armado. Para sobreviver na região, foi necessário muito mais do conhecimento militar, adquirido nos manuais de guerrilha dos marines estadunidenstes, mas sobretudo a cooperação dos indígenas que, além do fornecimento de mantimentos em troca de proteção, ensinaram como cruzar a Selva de maneira quase invisível.

A invisibilidade zapatista, no entanto, ficou restrita às táticas militares. Logo na tomada das cidades chiapanecas no primeiro dia primeiro dia de 1994, foi lançado o Comunicado da Selva Lacandón explicando os motivos do levante. A mensagem foi lida nas emissoras de rádios dos municípios ocupados que, em seguida, reproduziram por fax para revistas e jornais de circulação regional e nacional. Ativistas políticos, por sua vez, distribuíram pela nascente rede mundial de computadores, chegando a organismos internacionais de proteção dos direitos humanos, a intelectuais, a artistas e a meios de comunicação, como a CNN que, conforme Downing, quebrou o boicote informacional da emissora de maior audiência no México, a Televisa. A circulação do Comunicado e de informações sobre o conflito não se restringiu a atores internacionais, que declaram seu apoio e pediram o cessar-fogo, o Governo Mexicano foi “bombardeado” por milhares de e-mails e faxs que congestionaram seus serviços de comunicação eletrônica. Segundo Emilio Gennari (2002), da mesma maneira como as mensagens de apoio se multiplicavam na internet, as manifestações nas ruas cresciam, chegando a reunir mais de 150 mil pessoas na marcha pela paz na Cidade do México e

levando, por isso, 12 dias depois do levante o Governo decidir pelo cessar-fogo unilateral. O apoio da sociedade civil se tornou assim uma das principais armas do EZNL que assim pautou sua política num diálogo constante.

O diálogo zapatista ampliou-se com a construção do Acordo de San Andrés pela Comissão de Concórdia e Pacificação (Cocopa), liderada pelo bispo de San Cristobal de Las Casas, D. Samuel Roriz e pela Comissão Nacional de Intermediação (Conai) do Congresso Nacional**.** As discussões não se restringiram aos grupos de trabalho das comissões, mas o EZLN convocou outras lideranças e intelectuais para discutir, muito além de suas questões locais, uma legislação indígena que garantisse não só a autonomia das comunidades, mas o reconhecimento como participes das decisões nacionais.

A consulta nacional em 1995 sobre a transformação do EZLN num partido político e sua estratégia eleitoral aprofundo o diálogo, resultando na criação de um braço civil e nacional do movimento a Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) e da rejeição à participação nos processo eleitorais. Assim para fazer parte do FZLN só havia duas restrições não ser filiado a partido político, nem pertencer ao Governo. O EZLN opta, diferente da maioria dos movimentos insurgentes, não tomar o poder de cima, todavia construir por baixo nas organizações populares e no cotidiano novas relações sociais mais justas. Na votação da lei indígena no Congresso Nacional, em 2001**,** que aprovou uma legislação que descumpriu os acordos de San Andrés, o EZLN realizou uma marcha, denominada de Outra Campanha, que percorreu os mais 700 km entre San Cristobal de Las Casas e a Cidade do México, a fim de sensibilizar a sociedade e os congressistas para o tema. Na caminhada, vários comunicados foram publicados e diversas reuniões, discursos e assembleias realizadas.

Com as dificuldades de um segundo deslocamento da Outra Campanha pelas ameaças à vida das lideranças zapatistas, os diversos atores sociais da sociedade civil mexicana foram convocados a construir outro mundo possível com justiça, igualdade e dignidade para todos na Sexta Declaração da Selva de Lacadón, em 2005 (ARELLANO e OLIVEIRA, 2002). Assim foi não só legitimado a ação de coletivos simpatizantes e de comunidade não zapatistas aderentes ao zapatismo, mas também as diversas apropriações do zapatismo que não se tornou exclusividade do EZLN.

Mesmo com o declínio destas articulações**,** o espírito de abertura e diálogo zapatistas continuou com as constantes contribuições de coletivos e comunidades aderentes e com a convocação para a Escolita em 2013, uma iniciativa de aproximação desta vez levou dezenas de simpatizantes para viver a experiência do cotidiano num município autônomo e discutir os princípios e valores do movimento.

O diálogo zapatista se caracteriza pelo respeito aos diferentes, pelas constantes idas e vindas na construção não de consensos, mas de acordos, mesmo que temporários e precários. A prática aproxima-se da ideia de política agonística da politicóloga inglesa Chantal Mouffe (1996). Essa autora parte do princípio de que os conflitos são inevitáveis porque o político é uma construção hegemônica de um nós a partir da diferenciação de um eles. Essa oposição é fundamental para manter as identidades e os pertencimentos. O papel da política é não transformar os grupos diferentes em inimigos, mas tão somente em adversários que constroem, por meio de articulações, relações contingentes, acordos. Nesta perspectiva, percebe-se a história do EZLN como a passagem do político, conflito inevitável com o Governo e o Exército Federal, para a política de articulações dialógicas de composições e acordos.

Autonomia zapatista

Esta política zapatista é realizada fundamentalmente em seus 38 municípios autônomos, que, na realidade, são articulações entre as comunidades autogeridas por autoridades locais que indicam seus representantes para os conselhos do Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez). Por sua vez, estes compõem os Caracóis, no total de cinco e tendo suas sedes situadas nas localidades Oventik, Roberto Barrios, La Realidad, Morelia e Garrucha. Criados em agosto de 2003, são administrados por uma Junta de Bom Governo (JBG), formada por representantes dos Conselhos dos municípios agrupados para um mandato de três anos.

Os Caracóis são responsáveis pela "(...) condução da administração da justiça, da saúde comunitária, da educação, da habitação, da terra, do trabalho, da informação e da cultura, da produção, do comércio e do trânsito local" (BRANCALEONE, 2009, p. 18) e pela defesa dos princípios da gestão zapatista - "mandar obedecendo" e "tudo para todos e nada para nós". Nos Caracóis, estão situadas não somente as JGB, mas também clínicas, escolas secundárias, cooperativas de produção e projetos de comunicação (como produtoras de vídeo e rádio comunitária). Os territórios não são espaços contínuos numa comunidade autônoma, podendo haver algumas famílias não aderentes ou até ligadas ao Governo. Os sentidos sobre esses espaços alteram-se de forma tal que, num mesmo lugar, as instituições zapatistas podem ser vistas como autoridades ou como adversários. Esta multiterritorialidade, se por um lado significa a tolerância zapatista, baseada no princípio de Emiliano Zapata, "terra para quem trabalha", por outro agrava, em algumas situações, os conflitos principalmente com a atuação de paramilitares acobertados pelo Exército Federal e por famílias não aderentes.

O processo de construção da autonomia zapatista, compreendida como o autogoverno comunitário, autodefinição identitária, autodelimitação territorial e o autoconsumo produtivo das comunidades articuladas, se afirma com a ruptura junto ao sistema de governo e eleitoral mexicano, consolidada não só pelo levante e pela consulta nacional, mas também pela descrença na cultura política vigente, que, para o EZLN, está baseada na cooptação e corrupção de lideranças comunitárias para manutenção do poder na mão das classes dominantes. Depois da criação dos municípios autônomos, o EZLN construiu os Caracóis não só como espaços de interlocução com a sociedade civil nacional e internacional como também de organização das comunidades autônomas que passam a ter sua gestão a partir de governos civis, eleitos e avaliados constantemente por assembleias locais. O processo de transferência da administração para os civis possibilitou que o EZLN se transformasse no primeiro movimento de guerrilha que constrói uma democracia participativa.

A autonomia está enraizada nas matrizes culturais, ao ponto das comunidades zapatistas terem sua temporalidade própria. O fuso horário de seus territórios, chamado Frente de Combate Sul Oriental, não coincide com o oficial do México, sendo duas horas a menos. O tempo também não se organiza a partir da produtividade industrial, mas de valores rurais, como ciclo de colheitas e os horários e dias de trabalho no campo. O próprio diálogo com a sociedade civil é realizado num ritmo diferenciado. Uma interpelação ou requisição junto a uma JBG, se recebida, pode demorar semanas ou meses para ser respondida.

O autogoverno e o autoconsumo das comunidades indígenas não são uma preocupação exclusiva dos zapatistas. Na segunda metade da década de 1990, conforme Brancaleone (2009), a autonomia comunal foi defendida pelo governo através do Instituto Nacional Indigenista (INI) como forma de preservar as crenças e tradições culturais destes povos. Barcena (2011) analisa este momento como a

febre legislativa, quando foram criadas leis de proteção aos povos originários, nunca colocadas em práticas. Para o autor, a situação intensificou as frustações indígenas já decepcionados com a participação na luta pela independência mexicana, que formou um Estado nacional que reproduz o colonialismo internamente, conservando-os na condição de explorados e com o movimento indigenista que criou uma cultura nacional baseada na ideia estereotipada dos índios como os ancestrais da nação. Para Gustavo Estava, a autonomia já é uma realidade cotidiana em muitas comunidades indígenas chiapanecas. A luta é pelo reconhecimento social e jurídico desta autonomia: "(...) possuímos um território, no qual exercemos governo e justiça a nossa maneira, o mesmo que a capacidade de autodefesa. Exigimos agora que se reconheça e respeite o que temos conquistado" (ESTAVA *in* ADAMOVSKY et al, 2011, p. 124).

Em Chiapas, as origens do sentido de autonomia estão enraizadas nas primeiras ocupações do território. Os povos originários de descendência maia, que se instalaram na região, de acordo com o historiador Emílio Zebadua, tiveram de organizar-se em pequenas comunidades dado o isolamento geográfico provocado pelo terreno montanhoso.

> Chiapas sempre se encontrou desde o princípio na periferia das rotas de exploração e da conquista espanhola. Isto permitiu algumas comunidades gozar durante um tempo se não de uma completa independência, sim de um certo isolamento (...) condicionou-se pelas elevações montanhosas de mais de 1000 metros de altura com passos difíceis de cruzar (ZEBADUA, 1986, p.42).

Estas pequenas comunidades tiveram de construir, além de sua sustentabilidade, seu autogoverno. O isolamento geográfico não determinou todavia um isolamento

social. Mesmo reconhecendo o que os antropólogos chamam de etnias maias (tzotzil, tzetales, tojobales, choles e zoques) apenas como suas línguas, os indígenas da região se articulam desde antes da colonização através do comércio e especialização em suas produções. Conforme o antropólogo Georg Collier (1976), há uma tradição ocupacional reforçada pelas dificuldades de importação, dada a distância da capital mexicana, dos grandes centros produtores e pelas dificuldades de transporte. Em seu estudo, ele destaca a predominância de produções étnicas de cada comunidade, comercializadas entre si.

Sentidos culturais dialógico e autonômico na Rádio Rebelde

Assim como o comércio, a comunicação radiofônica pode construir e articular as autonomias indígenas. O imediatismo da transmissão do rádio possibilita vencer, na velocidade do som, distâncias de difícil transposição. Por meio desta comunicação, comunidades e municípios podem partilhar informações, ideias, opiniões, memórias e sentimentos, trocas simbólicas imprescindíveis para construção de discursos articuladores. Além da rapidez, alia-se ao uso do rádio o baixo custo de montar uma emissora e do aparelho, podendo ser utilizado inclusive em lugares onde não chega a luz elétrica. A simultaneidade do veículo, baseada na possibilidade de fazer outras tarefas enquanto o escuta, é outra característica que potencializa esta comunicação (ORTRAWIANO, 1985).

A situação do predominante analfabetismo nas populações indígenas e o precário uso do espanhol reforçam o papel do rádio, como define Martín-Barbero (2004), de mediador entre o mundo técnico-científico e o simbólico-mítico das culturas populares. O meio traduz, a partir das palavras faladas, conhecimentos, muitas vezes, disponíveis somente em textos escritos. Isto é possível não só com a oralidade mediatizada (OLIVEIRA, 1999) de transformar escrita em fala, mas com as explicações do conhecimento técnico-científico e informacional, reorganizado

numa lógica acessível às culturas populares predominantes orais. A produção radiofônica, baseada no improviso e na fala, é quase tão simples e espontânea como uma conversa interpessoal, não exigindo tanta especialização dos produtores e possibilitando através da informalidade, criar uma relação intimista entre locutor e ouvinte, ao mesmo tempo, que pode atingir milhões (MCLEISH, 2001).

O EZLN, por isso, decidiu desde fevereiro de 2005, criar três Rádios Insurgentes em Los Altos (próximo a San Cristobal de Las Casas), Selva Tzetal e Selva da Fronteira (vizinho a Guatemala). Apresentadas como a voz dos sem voz, as emissoras visavam apresentar "os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas"[2]. Há também uma transmissão semanal em Ondas Curtas (OC) que "tem como objetivo de informar (...) os eventos atuais em Chiapas, os avanços na construção da autonomia zapatista que se realiza através das Juntas de Bom Governo e dos MAREZ"[3].

Como parte do projeto de autonomia zapatista, desde 2008, teve início a transferências das rádios para os governos civis, processo que se encerrou somente em 2012, quando as emissoras mudam de nome e consolidam suas novas programações. A gestão das rádios pelos Caracóis contribui para organização dos mesmos que gerenciam os espaços a partir das demandas locais e tomam as decisões priorizando as comunidades autônomas articuladas e não a estrutura político-militar do EZLN.

A emissora pesquisada, antes Rádio Insurgente de Los Altos, denomina-se hoje Rádio Rebelde 107,1 FM, podendo ser escutada na região que tem San Cristobal

[2] http://www.radioinsurgente.org acessado em 13 de junho de 2013.
[3] Idem.

de Las Casas como principal cidade. Com o slogan “A voz da mãe terra”, funciona de 5 às 9h e das 17 às 20h, hora da frente de combate sul oriental. A partir da escuta de sua programação em julho de 2013 e da transcrição de oito programas gravados em dias alternados, pode-se tecer as seguintes observações sobre a emissora.

A estrutura da programação reflete a temporalidade autonômica da Rádio Rebelde. Diferente da transmissão comercial em tempo contínuo (frequentemente das 5 às 00h ou 24h no ar), a emissora zapatista permanece em dois horários fraturados no início e no final do dia quando os trabalhadores estão começando e terminando sua jornada. A plástica radiofônica, compreendida como a organização dos conteúdos na programação, difere bastante das comerciais. Logo após a veiculação das músicas, locução, contos, mensagens ou vinhetas, há silêncios que duram até 30 segundos. Essas pausas sonoras conhecidas nas emissoras comerciais como “buracos”, não só descaraterizam os estilos destas, como também prejudicam o ritmo frenético das mesmas. Na Rádio Rebelde, parece uma ruptura com a apressada lógica de mercado.

A emissora zapatista não possui programas, como se identificam na plástica comercial, apesar de ter uma estrutura de predominâncias de conteúdos, na manhã, músicas revolucionárias chiapanecas, seguida por músicas históricas e músicas revolucionárias nacionais e internacionais, intercalada por locução, poesias, mensagens e comunicados. Pela tarde, o horário é dividido na primeira hora com músicas de marimba e as demais com músicas revolucionárias chiapanecas e músicas revolucionárias nacionais e internacionais, intercaladas por mensagens, contos e poesias.

Há apenas uma vinheta com diferentes versões de música introdutória e fundo (rock, balada romântica, dance, cumbia, hap, entre outros estilos), veiculada

geralmente de hora em hora e que traz a seguinte identificação da emissora: “Esta é a Rádio Rebelde, voz da mãe terra, transmitindo em algum lugar dos povos zapatista, Caracol Dois, Resistência e Rebeldia pela humanidade. Na frequência 107.1 FM de seu rádio”.

A locução faz a ponte entre os diversos conteúdos da programação. Tendo a cada transmissão diferentes apresentadores, nas gravações observadas, predomina a apresentação é feita por mulheres. A escolha demonstra uma das principais preocupações internas do movimento combater o patriarcalismo, forte componente das tradições indígenas, e valorizar a dignidade das mulheres. Uma das leis revolucionárias do EZLN prevê a autonomia feminina estabelecendo que nenhuma mulher poderá ser obrigada a ter filhos ou casar-se.

Os locutores e as locutoras fazem uma apresentação cordial, informal, improvisada e, muitas vezes, com erros e pausas cobertas pelo aumento do fundo musical. É comum desejar um bom dia de trabalho, uma boa tarde e interjeições como “Oxalá que você esteja gostando de nossa programação”. A apresentação é feita em espanhol e depois traduzida para tzotzil, idioma indígena predominante na região de Los Altos. Estas características reforçam o sentido de diálogo, pois a emissora é escutada por ouvintes mestiços, e o sentido autonômico, dado que a língua indígena compõe imprescindivelmente a fala dos indígenas, incluindo ouvintes que não falam espanhol, principalmente mulheres que dificilmente passam pela educação escolar.

A predominância musical da Rádio Rebelde aproxima-se das rádios comerciais FM, entretanto as músicas tocadas são, em sua maioria, revolucionárias, dividas em três tipos, veiculadas em diferentes blocos de uma hora. As históricas reconstituem períodos passados das várias revoluções da história mexicana, sempre na perspectiva favorável aos indígenas, camponeses e agricultores e seus

mártires. Já as chiapanecas retratam a luta e os ideais zapatistas nas comunidades autônomas e no EZLN. E as nacionais e internacionais reúnem canções críticas ao capitalismo ou de apoio ao movimento zapatista de artistas mexicanos não chiapanecos, espanhóis, cubanos, argentinos, entre outros. Todas essas temáticas possuem um discurso que aponta um endereçamento para fortalecer o imaginário da autonomia das comunidades zapatistas.

Há ainda, na primeira hora das tardes, músicas de marimba que são composições instrumentais tradicionais geralmente no estilo de cumbia, tocadas com o instrumento homônimo, típicas do pôr do sol do Zócalo (Praça Principal) de San Cristobal de Las Casas, onde se apresentam vários grupos principalmente no restaurante localizado no coreto do local. O intuito das músicas é claramente de entreter e preservar as raízes, como explicita a locução do horário. Esta parte da programação demonstra claramente que a Rádio Rebelde também possui, além revolucionário, sentidos lúdicos e históricos. As músicas tradicionais indicam um endereçamento gestado muito mais para atender o interesse da audiência do que a principal proposta da emissora de consolidação da autonomia.

Nas poesias, que são apresentadas frequentemente pela manhã, interpretadas por seus autores, a autonomia das comunidades indígenas, dos jovens e das mulheres em relação ao governo, ao sistema eleitoral e ao capitalismo predomina nas seguintes temáticas: convocatórias, denunciatórias e político-críticas. Já os contos não tratam necessariamente de temáticas revolucionárias. Podem abordar temas como sexualidade, relações geracionais e de gênero e questões morais, como justiça e igualdade. Diferente das poesias, são interpretados por locutores, traduzidos em tzotzil e tzetal (alguns não são sequer apresentados em espanhol), possuem fundos musicais e efeitos sonoros. A relevância deste gênero revela sua importância numa cultura oral enraizada no conhecimento mítico que representa a realidade através de um imaginário fictício. Os contos valorizam, desta maneira, o

modo de vida indígena, apontando para um endereçamento fundamental para a autonomia zapatista.

As mensagens e comunicados têm um caráter informativo. As primeiras são curtas durando de 15 a 45 segundos. Aparentam ser depoimentos gravados e editados com fundos musicais de pessoas comuns. Tratam sobre saúde, sobre o trabalho coletivo e sobre a dignidade das mulheres. Os comunicados são direcionados a públicos específicos como a juventude e às comunidades zapatistas. Além de uma contextualização histórica, este gênero faz questionamentos. "(...). Até quando se darão conta que desde mais de 500 anos, somos vítimas e de dominação e exploração, vítimas de humilhação e descriminação, vítimas de marginalização e esquecimento dos que tem poder e dinheiro, por que muitos de vocês estão pondo seus corações, sua confiança e sua esperança em nossos opressores e explorados?"[4] E também realiza exortações para mudança de comportamento, de consciência e de atitudes. "Por isso, convidamos aos companheiros e companheiras, bases de apoio responsáveis por regionais das comunidades donde não há começado os trabalhos com as crianças, se organizem e nomeiem seus representantes para que comecem seus trabalhos com as crianças e jovens."[5]

A programação da Rádio Rebelde tem assim um claro endereçamento para fortalecer a autonomia como uma ruptura com o governo, o sistema eleitoral e o capitalismo, não deixando de articular o diálogo com outros grupos seja nos idiomas falados, seja nos comunicados para as comunidades não zapatistas, seja nas músicas lúdicas, nacionais e internacionais. O sentido autonômico zapatista

[4] Transmissão da Rádio Rebelde de Los Altos 107,1 Mhz às 10h10min, hora da frente de combate sul oriental, no dia 16 de julho de 2013.
[5] Transmissão da Rádio Rebelde de Los Altos 107,1 Mhz às 9h02min, hora da frente de combate sul oriental, no dia 16 de julho de 2013.

distancia-se da ideia de isolamento. Autonomia significa, desta maneira, independência que possibilite equidade para o diálogo.

Considerações finais

As matrizes culturais da autonomia e do diálogo zapatistas estão claramente presentes não só do projeto de sociedade construída pelo EZLN, mas no modo de vida dos indígenas mexicanos, especialmente chiapanecos. A independência, autogoverno e autoconsumo são explícitos objetivos da organização social das comunidades zapatistas, que nem por isso deixam de dialogar com a sociedade civil e ampliar o conceito do zapatismo para diferentes atores aderentes às ideias do movimento. A autonomia das comunidades indígenas descentes maias, originada do isolamento geográfico, também se tornaram bases para articulações entre as pequenas comunidades que possuíam suas próprias estruturas de poder e de governo.

Na Rádio Rebelde, os sentidos de diálogo e autonomia apresentam-se nos vários conteúdos da emissora. A luta contra o capitalismo, a temporalidade e plástica diferenciada, as músicas revolucionárias, o repúdio aos maus governantes, a valorização do idioma e das tradições indígenas, o incentivo a organização comunitária, a dignidade das mulheres e da participação dos jovens revelam o discurso hegemônico zapatista que possui a autonomia como elemento articulador. Os endereçamentos em comunicados, mensagens e locução às comunidades não zapatistas demonstram o sentido de diálogo.

O sentido de autonomia e diálogo zapatistas aproxima-se do projeto de democracia radical defendida por C. Mouffe como a construção da pluralidade baseada nos acordos temporários e precários entre as diversas hegemonias e na visibilidade das exclusões. Na versão de democracia zapatista, a convivência e o

respeito entre os diferentes baseia-se no constante diálogo e abertura para vários discursos zapatistas sejam articulados.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamovsky, E. et al. (2011). *Pensar las autonomias***.** México: Sísifo Ediciones.

Arellano, A. B., & OLIVEIRA, A. U. (2002). *Chiapas: construindo a esperança***.** São Paulo: Paz e Terra.

Arellano, A. (2002). *As raízes do fenômeno Chiapas***.** São Paulo: Alfarrabio Ed.

Brancaleone, C. (2009). *Os zapatistas e a experiência de autogoverno indígena e campesina no México contemporâneo.* Buenos Aires, Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia.

Collier, G. (1976). *Planos de interacción del mundo tzotzil***.** México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.

Downing, J. (2001). *Mídia Radical*. São Paulo: Ed. Senac

Felice, M., & Muñoz, C. (1998). *A revolução invencível***.** São Paulo: Boitempo editorial.

Gennari, E. (2002). *Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história***.** Rio de Janeiro: Achiamé.

Grisa, J. (2003). *Histórias do rádio***.** Itajaí: Ed. Univali.

Jacks, N., Souza, M. (2006). *Mídia e recepção***.** Salvador: Edufba.

Hall, S. (2003). *Da diáspora***.** Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Martín-Barbero, J. (1998). *Dos meios às mediações.* Belo Horizonte. Ed. UFMG.

Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Loyola.

Mcleish, R. (2001). *Produção de rádio***.** São Paulo: Summus.

Mouffe, C. A. (2004). *O Regresso do Político*. Lisboa, Gradiva.

Ortriwano, G. (1985). A informação no rádio. São Paulo. Summus.

Silva, J. L. O. A. (1999). *Rádio oralidade mediatizada.* São Paulo: Annablume.

Zebadua, E. (1986). *Breve histórico de Chiapas.* Tuxtla Gutierrez: Gov. Chiapas.